

Eu, o Guaíba

Estou aqui desde os primórdios da cidade. Vi uma terra que um dia fora livre evoluir de freguesia a cidade. Pois é, lembro-me até de quando ela era conhecida como Porto dos Casais. Presenciei a tomada da capital durante a Guerra dos Farrapos. Além do mais, sou testemunha de alguns dos horrores cometidos na Ditadura Militar. Na verdade, acho justo mencionar que fui essencial para o desenvolvimento e povoamento da região. Minhas águas abastecem essa cidade há séculos, e nunca reclamei. Deixo que pesquem os meus peixes. Deixo que naveguem pelas minhas correntes. E ainda deixo que poluam o meu leito.

Pelas minhas margens, acompanho os encontros e as interações entre os moradores da minha amada cidade. Sabe, eu sinto que Porto Alegre vive e resiste por meio desses movimentos efêmeros e dinâmicos. Todos os finais de tarde, eu espero os casais que absorvem meu famoso pôr do sol. Ao mesmo tempo, ciclistas e corredores das mais variadas idades oscilam entre a orla como as ondas que percorrem minha superfície.

Contudo, percebo que minha velha amiga Porto Alegre vem perdendo seu apreço por mim, ela usa-me como bem entende. Sirvo de abastecimento, lazer, transporte. Mas, principalmente, eu sou o lixo da cidade. Estou farto desse descaso. Os resíduos vão tomando conta do espaço e o esgoto vai contaminando a água. As pessoas não mais querem conviver com meus arredores, preferem as vidas individualistas e os grandes centros urbanos. Aos poucos, a capital que acompanhei desde sua origem me abandona. E a resistência das singelas interações vai se esvaindo. Mas eu continuo aqui, disposto e exausto. À espera do dia em que se lembrarão de mim. Como Porto Alegre vai sobreviver a isso?